



## Da noite à aurora: Deus visita seu povo

Jackson Câmara Silva\*

### Resumo

Diante de profundas mudanças sociais, culturais e tecnológicas nas últimas décadas, o ser humano vive uma mudança de época. Sua relação com o próximo e com Deus parece mitigada e muitas vezes Ele parece está escondido ou ausente. Mesmo que alguns se distanciem e sejam indiferentes à existência e à ação do transcendente, o ser humano procura saciar sua sede de Deus e anseia sua visita. Entretanto, abunda hoje uma fé consumista e de mercado caracterizada por uma troca na qual a divindade deve atender prontamente o orante que a retribui com oferendas, sacrifícios e promessas. Desse modo, este trabalho aborda a temática da visita de Deus ao ser humano. Depois de contextualizar o ser humano pós-moderno, analisaremos brevemente o termo *visitar*, sobretudo nos salmos que o trazem, e focaremos na análise teológica do Sl 17(16), destacando também alguns elementos exegéticos e procurando fazer sua hermenêutica. Portanto, o tema nos impele a perceber com profundidade a visita de Deus que perpassa a vida do orante e de todo o povo em tempos tão desafiantes.

**Palavras-chave:** Deus. visita. povo. salmos.

### Introdução

A segunda metade do século XX atravessa profundas mudanças sociais, tecnológicas, culturais e comunicativas. A Modernidade, com a superação da uniformização, o triunfo da razão, o progresso e a positividade do ser humano, vai sendo ultrapassada pela técnica cuja eficiência e consumo vão sobrepondo aos valores éticos.

Passada a revolução de 1968, com o lema “é proibido proibir!”, o enfraquecimento paulatino do socialismo e o crescimento dos meios de comunicação, o mundo vai tomando outra configuração. A rapidez da informação e seu poder de persuasão aceleram o ritmo da vida das pessoas a acelerar com o passar do tempo. Não há tempo e disposição para aprofundar conceitos, relacionamentos, experiências. Busca-se aquilo que é passageiro e superficial, pois a felicidade se encontra no presente, no instante, e não se apresenta grandes preocupações com o futuro, nem tampouco se valoriza o passado gerando uma anestesia de uma consciência histórica.

Se a religião tinha seu fim decretado pelos pensadores no início do século XX, agora se observa uma busca incessante pelo sagrado<sup>1</sup>. A secularização não acabou com ela, mas

---

\* Mestrando em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte. Integrante do grupo de pesquisa Bíblia e Literatura cristã. Bolsista do PROEX-CAPEES.



deslocou sua função social. A religião se pluralizou, assim como o conhecimento, e, por conseguinte, proporcionou um declínio na fidelidade religiosa e um aumento de mobilidade. Com a valorização do “instante” e a sede do sagrado tem-se buscado um acúmulo de experiências pontuais e fenômenos como *bricolagem*<sup>2</sup>, *sincretismo*<sup>3</sup> e *trânsito religioso*<sup>4</sup> estão cada vez mais frequentes.

Nessas transformações rápidas e bruscas, o ser humano, nesse momento a que denominamos pós-modernidade, marcado pela fluidez, globalização e fragmentação, se depara com uma “*inevitável crise de sentido* que atordoa as pessoas e atinge seus critérios de julgamento mais profundos” (CNBB, 2012, n. 9). A individualidade conquistada com o advento da subjetividade humana tornou-se muitas vezes o único critério de decisão resultando em auto-referência e oscilação entre: o relativismo, sobretudo, moral subjetivista acompanhado da permissividade, frente ao mundo plural; e o fundamentalismo que procura combater esse pluralismo e a rápida mutabilidade.

Arelado a isso, vive-se uma crise de instituições. Com o desejo de felicidade pessoal tendendo ao narcisismo e ao hedonismo, a família antes estável, agora passa a ser instável. O Estado que outrora era garantia de proteção e de harmonia para a população tem se tornado mais vulnerável diante das intermitentes crises políticas e econômicas, repercutindo nas sociais. Já as instituições religiosas, que já perderam sua hegemonia na Modernidade, se deparam com o êxodo dos fiéis às novas formas de uma experiência religiosa fora das igrejas.

Desse modo, estaria o homem pós-moderno escondendo-se de Deus em seu ritmo acelerado ou nos sofisticados meios de comunicação? A perda de referencial não provocaria o desespero humano a procurar um porto seguro, um rochedo em que se apoiar e muitas vezes se depara nos cultos de mercado, nos quais encontra alento e anestesia para a alma, a fim de resolver seus problemas de imediato? Estaria o ser humano pós-moderno tão desprotegido quanto seus primeiros pais após a desobediência em comerem do fruto proibido no jardim do Éden?

---

<sup>1</sup> “Em maio de 2007, o Datafolha revelava que 97% dos brasileiros disseram acreditar totalmente na existência de Deus, 2% reconheceram ter dúvidas e apenas 1% admitiu não ter essa crença. Em nível mundial, os ateus oscilaram entre 2,4% e 4%; em nove países europeus, o número de ateus saltou de 5% em 1981 para 7% em 1999” (RIBEIRO, 2009, p.101)

<sup>2</sup> Síntese de elementos religiosos distintos “à la carte” em uma experiência religiosa com autonomia. “Do francês *bricolage*, corresponde a *do it yourself*, do inglês, e *faça você mesmo*. (RIBEIRO, 2009, p.87, nota)

<sup>3</sup>Elementos de distintas tradições condensadas em um “produto” religioso.

<sup>4</sup> Troca de pertença a uma religião.



Portanto, perpassando as ocorrências do “visitar” de Deus ao longo da escrituras, aportando nos Salmos e, sobretudo analisando de forma exegético-teológica o Sl 17(16), veremos quando e como Deus, ouvindo o clamor do orante, tem atendido seu povo. Aprofundando seus principais elementos, o leitor é será levado a perceber os efeitos desta visita que já se inicia na “noite” e culmina na “aurora”.

### **Deus visita seu povo**

Se após a queda dos primeiros pais Deus os visita e os interroga acerca do que está acontecendo, a primeira vez que o termo  $\text{דָּרַךְ}$ ; P aparece no sentido de *visitar*<sup>5</sup> ocorre em Gn 21,1, quando YHWH visitou Sara e fez o que tinha prometido<sup>6</sup>.

Dirigindo-se aos seus irmãos, José afirmará que Deus os visitará, fazendo transportar seus ossos do Egito (Gn 50,25), além de fazer subir desta terra àquela que havia jurado aos seus pais (Gn 50,24). De fato, com a mudança da situação no Egito, onde os israelitas sofreram escravidão, Deus “ouviu” o clamor de seu povo e vendo o que tem acontecido diante da aflição, Ele os visita (Ex 3,16). Israel começa a reconhecer essa visita ao ponto de reverenciar e adorar YHWH (Ex 4,31).

A visita de Deus provoca uma mudança radical na vida do indivíduo e da comunidade que suplica seu auxílio. Israel sai da escravidão e caminha rumo à liberdade; na terra de Moab, Ele sacia a fome do povo dando-lhe pão (Rt 1,4); restaurará a terra outrora marcada pela espada e pelos monte desertos de Israel dando-lhe segurança (Ez 38,8); e como verdadeiro pastor, visitando seu rebanho fará da casa de Judá, outrora ferida pelo tratos dos maus pastores, seu cavalo de combate (Zc 10,3).

Por outro lado, serão os Salmos que manifestarão de forma dialogal e direta a relação entre o clamor do orante e a visita de Deus. Dentre os 150 salmos do saltério com sua pluralidade de gêneros literários (súplicas, hinos, ação de graças), épocas, autores e ambiente vital onde eles foram compostos, destacamos aqueles nos quais aparecem o termo “visitar”. O primeiro deles é o Sl 8 que trata de um louvor ao nome de Deus pelos seus feitos para com o ser humano. Emoldurado pelo refrão “YHWH, Senhor nosso, quão poderoso é teu nome em

---

<sup>5</sup> Além de “visitar”, a raiz *dqp*, pode significar no AT: a) checar presença de alguém ou de algo; b) Reunir (um exército); c) Computar, calcular, enumerar (Censo); d) Tomar interesse sobre uma pessoa; e) Condenar; f) Condenar; g) Julgar de Deus; (ANDRÉ, 2003, p. 51-60).

<sup>6</sup> Assim como acontece também a Ana (1 Sm 2,21).



toda a terra” (v.2 e 10), o salmista reconhece diante da pequenez do ser humano, a grandeza de Deus que ao visitá-lo, não só o guarda dos inimigos e os reprime, mas também o eleva “pouco menos do que um deus coroando de glória e beleza” (v.6), fazendo-o senhor de todas as criaturas.

O Sl 65(64) por sua vez manifesta um hino de ação de graças a Deus que ouve e perdoa o ser humano. As faltas que exprimem a fragilidade do orante, uma vez que são mais fortes que ele (v.4), acabam provocando uma busca a Deus (v.3b). Ao experimentar essa visita, o coração do salmista transborda de gratidão e de alegria, como uma terra regada e cumulada de riquezas (v.10-14) em vista do prodígios que manifestam a salvação de Deus (v.6b).

Como uma oração pela restauração de Israel, o Sl 80 (79) enfatiza o caráter suplicante dos israelitas que insistem na intervenção de Deus diante da situação de aflição, sobretudo sob o escárnio dos inimigos. Como pastor que cuida de Israel (comparado como rebanho e vinha), Deus, visitando-os, deve socorrê-los (v.3c) e salvá-los para que eles se voltem (v.4.8.20) e nunca mais se afastem Dele (v.19).

No Sl 106 (105), Israel reconhece suas faltas para com Deus ao longo da história, sobretudo porque se desvia e se esquece do amor salvífico de YHWH expressa em todos seus feitos para com os seus escolhidos. Por outro lado, essa “confissão de todo o povo” acaba também fazendo reconhecer a bondade e amor de Deus que, mais uma vez, ao visitá-lo vem trazendo sua salvação, o bem dos eleitos e alegria do povo (v. 4b-5). Por isso seu louvor deve ser para sempre (v.48)!

Diante dessas inúmeras referências bíblicas acerca da visita de Deus, culminando na apresentação breve dos Salmos que trouxeram o termo “visitar”, o leitor percebeu que fizemos apenas um sobrevôo do tema. E por isso, possivelmente sentiu a necessidade de aprofundar a temática, mediante uma análise mais detalhada, o que faremos isso a seguir com o Sl 17 (16).

### **Da noite à aurora: Deus visita o orante no Sl 17 (16)**

Iniciado com o termo hebraico  $hL' pîT$  . , assim como acontece com os Sl 86, 90 e 102, o Sl 17 (16) pode ser classificado como uma prece, uma oração de um justo que está



sendo perseguido inocentemente (v.7-11) e que clama a Deus para protegê-lo, enfrentando e derrubando seus inimigos (v.13-14).

A palavra  $\text{דָּוִד}^{\text{ל}}$  abre margem para interpretação de que Davi é o suplicante inocente provavelmente quando fugia de Saul e seus seguidores que procuravam matá-lo (1 Sm 20; 24; 26; 27)<sup>7</sup>. Como não queria agir contra o “ungido do Senhor” (1 Sm 24, 6.10; 26,9.11.16.23) e ao mesmo tempo está numa situação de perigo de morte, só lhe resta confiar em Deus. Isso pode situar este salmo no período pré-exílico. Entretanto, há autores que ressaltam por um lado o conceito de justiça presente nos v.4-5 próximos ao Deuteronomista (P), e, por outro, há expressões que apontam para o Período Persa<sup>8</sup>. Alonso Schökel (1996, p. 290) trata a situação de Davi perseguido pelos seus inimigos como “um modelo imaginativo: é como se...”. Diante da situação original, seja ela “irrepetível”, ocorrida em um dado momento histórico, seja ela “típica”, ocorrida diversas vezes, ajuda-nos a pensar que o compositor do salmo consegue apresentar ao leitor não só um único personagem histórico, mas um personagem literário “disponível e adaptável por analogia” a quaisquer outros que passam por essa situação.

Quanto à estrutura deste salmo, diante das diferentes propostas entre os estudiosos<sup>9</sup>, seguiremos a mais comum disposta deste modo<sup>10</sup>: I) Súplica a YHWH (v.1-2); Testemunho de inocência do orante (v.3-5); Súplica (v.6-9); Descrição dos inimigos (v.10-12); Imprecação contra os inimigos (v.13-14); Esperança no encontro com Deus (v.15).

A súplica a YHWH (v.1-2) inicia com o imperativo “Ouve” (heb.  $\text{שָׁמַע}$ ) que também aparece no v.6 (heb.  $\text{שָׁמַע}$ ). O sentido básico deste verbo reporta a ação concreta de: escutar, prestar atenção, entender, obedecer a um mandamento (Jr 35,18), ouvir criticamente ou atender uma oração (AUSTEL, 1998, p.1586). Deus que fez aliança com seu povo e caminha com ele sobretudo no deserto, ouve sua murmuração (Nm 12,2). Juntamente

<sup>7</sup> Plumer afirma que mesmo este salmo expressando os sentimentos de Davi quando perseguido recordando os eventos narrados em 1 Sm, situá-lo nesse período é apenas conjectura (PLUMER, 1975, p.220).

<sup>8</sup> A “veracidade” do v.1 e “sonda do coração” do v.3, assim como a frase  $\text{^y d < s ' x ] h l e p . h}$ ; no v.7 =  $\text{S l 4,4 e ^y p , n ^ k . l c e B .}$  no v.8 =  $\text{S l 36,8; 57,2; 63,8; 61,5; 91,4}$  trazem esses salmos pós-exílicos (BRIGGS, 1987, p. 128).

<sup>9</sup> Bem diferente das demais, Briggs (1987, p. 128-134) apresenta divisão pela métrica hebraica, dividindo este salmo em três partes: I) v.1-6a, subdividida em três pentâmetros (a) v.1-2; b) v.3-4a; c) v.4b-6a); II) v. 6b-12, também disposta em três pentâmetros (v.6b-8a; v.8b-10; v. 11-12); III) v.13-15, com dois pentâmetros (a) v.13-14a e b) v.14b-15).

<sup>10</sup> WEISER, 1994, p. 126; STADELMANN, 2015, p. 208; Cordero (1962, p. 257) ainda subdivide os v.6-9 em: súplica de proteção (v.5-6) e súplica de salvação (v.7-9).





com a raiz hebraica  $\text{זָעַב}$  traduzida por “dar ouvido” (v.1b e v.6b) enfatiza a insistência do orante para que YHWH responda o seu clamor (heb.  $\text{זָעַבְתִּי יְיָ}$ ), ou seja, um choro estridente e penetrante em busca de ajuda. Diante de uma situação desesperadora, o orante confia na justiça de Deus que sempre julga aquilo que é direito (v.2b).

No v.1b e nos v. 3-5, o salmista apresenta seu testemunho de fidelidade para com YHWH. Seria uma autojustificação de pecado? Poderíamos cair numa teologia da retribuição, segundo a qual Deus precisa atender o orante em vista de tudo aquilo que ele faz à divindade? Na verdade, a relação do orante com Deus é íntima e intensa que ele receia ser prejudicado diante de acusações injustas pela opressão dos ímpios (v.9a e 10b). Mais que troca de favores, aqui vemos a sinceridade do fiel que, antes de expor suas necessidades submete todo seu ser a Deus desejando permanecer com Ele fielmente numa aliança que lembra a Lei Deuteronomista: observando a palavra, mantendo os passos no caminho e seus pés sem vacilar (v. 4). Sua conduta de fato resplandece como testemunho sobre os falsos testemunhos dos seus inimigos. (CORDERO, 1962, p. 256).

Por outro lado, convém destacar em seu testemunho a temática da visita de Deus que já acontece à noite! Sabemos que a sede e a busca de Deus presentes nos escritos sapienciais culminam no encontro com Ele e resulta na plenitude de sua visita que sacia o orante. No Sl 17 (16),3 nos deparamos com a profundidade, a confiança e a intimidade do salmista para com Deus. Ele já experimenta esta visita à noite. Esse período é marcado muitas vezes pela tribulação, sofrimento, choro<sup>11</sup> (Is 30,29; Jó 7,3; Sl 77,2[3]; 92,2[3]; 119,55). E de fato o suplicante está vivendo isso. Entretanto, a noite é tempo de proteção de Deus aos homens diante de pestes (Sl 91,5-6), porque está acordado cuidando da criação (Sl 104,20-22). E principalmente é um período marcado pela singular intervenção e visita de Deus no Egito que retirou seu povo da escravidão (Ex 11,4; 12,12.19) culminando então em um tempo de comunhão com Ele (KAISER, 1998, p. 788).

Desse modo, diante de uma visita pessoal, Deus sonda seu coração (v.3a). A expressão hebraica  $\text{טָהַר בְּיָדָיו}$  aponta para “fundição”, “provação”, “refinação”, “limpeza” (PLUMER, 1975, p. 223) como acontece com o ouro acrisolado para torná-lo cada vez mais

<sup>11</sup> Os místicos, sobretudo São João da Cruz, interpretando o Cântico dos Cânticos apresentavam a “noite escura” como um tempo de desolação e provação do fiel.



puro e genuíno. E isso só acontece em um encontro íntimo, ou seja, no coração (heb.  $\text{b} \perp \text{e}$ ) lugar da vontade e da afetividade, pelo qual o orante sozinho nele mesmo se abre à análise profunda de Deus que ao prová-lo (heb.  $\text{y} \text{n} \perp \text{T} ; \text{p} . \text{r} : \text{c} .$ ), não encontra infâmia nele (v. 3b).

A experiência dessa visita noturna já fundamenta e robustece a súplica confiante em YHWH nos v. 6-9. Ouvindo e respondendo seu clamor, YHWH manifesta seu amor salvífico. Salvar (heb.  $[\text{v} \text{y}]$ ) aponta para ideia de liberdade de opressão e livramento de uma situação de aflição, para a ideia de segurança tratando-se de uma ação e uma ajuda de alguém que está externo àquele que está oprimido. No AT, YHWH, com forte significado religioso, é o principal protagonista desta ação (HARTLEY, 1998, p. 680).

No entanto, o amor (heb.  $\text{d} \text{s} , \text{x} ,$ ) de contorcer as vísceras diante da aflição do outro não implica somente em salvar (v.7a), mas requer “guardar” (heb.  $\text{r} \text{m} ; \text{v} ' )$  e esconder (heb.  $\text{r} \text{t} \text{s}$ ). A primeira expressão aponta para a ideia básica de “exercer grande poder sobre”. Combinado com outros verbos o termo denota: fazer com cuidado, fazer diligentemente, conservar a inteligência (Pr 19,18); ter cuidado para cumprir os estatutos (Dt 11,32). O verbo aparece principalmente quando se reporta às obrigações de uma aliança, de leis, de estatutos que se deve ter atenção cuidadosa (Gn 18,19; Ex 20,6; Lv 18,26; Dt 26,16; 28,13 Ez 11,20) (HARTLEY, 1998, p. 1588). Deus que jamais rompe sua aliança para com o ser humano e seu povo, guarda-o “como a pupila dos olhos” (Dt 32,10; Pr 7,2; Lm 2,18), hebraísmo que expressa relação filial implicando cuidado carinhoso (BRIGGS, 1987, p. 130)

A expressão “esconder” que, por um lado, pode denotar distanciamento e afastamento (Gn 4,14; Jó 13,20; Am 9,3), aqui especificamente aponta para proteção, sobretudo porque o verbo é acompanhado pela expressão “à sombra de tuas asas” (v.8b). Como uma ave mãe cuida de seus filhotes assim Deus age com seus protegidos (Sl 36,8; 57,2; 63,8; 61,5; 91,4), principalmente quando ameaçados por seus inimigos (v.9).<sup>12</sup>

O amor salvífico de Deus assim como o coração do suplicante é contrastado com a perversidade de seus inimigos. Um “coração com gordura” (v.10a) é sinônimo de

<sup>12</sup> Alguns fazem referência às asas dos querubins estendendo sua influência ao templo santo, à cidade santa e seus habitantes (BRIGGS, 1987, p. 130; PLUMER, 1975, p. 225).



insensibilidade não só aos preceitos do Senhor, mas em consequência disso, por sua arrogância (v.10b) também são insensíveis aos sofrimentos do próximo. Por isso são comparados ao “leão ávido em devorar” (v.12; Sl 10,8), ou seja, um animal selvagem que se aproxima da vítima para destroçá-la e matá-la sem piedade manifestando assim uma situação de pânico a qual se encontra um indefeso (STADELMANN, 2015, p. 210).

Para que a salvação, impulsionada pelo amor que resultou em guarda e escondimento (proteção), seja completa, é necessário banir o mal! Diante da tormenta o salmista evoca uma imprecação, um pedido de vingança contra seus inimigos (v.13-14). YHWH deve enfrentar e derrubar o ímpio para libertar o orante que clama (v.13). Com sua mão poderosa de um justo juiz derrama sobre eles as próprias coisas pelas quais eles se apegam (KIDNER, 1992, p. 106), castigo que alcança sua descendência (v.14b), como acontece na lei em relação à iniquidade dos pais sobre os filhos à terceira e à quarta geração (Ex 20,5; Dt 5,9).

Com isso, mais que restituição de bens, o orante prefere sua amizade íntima com Deus, participando de todas as bênçãos resultantes dessa relação (CORDERO, 1962, p. 259) para assim contemplá-lo face a face, assim como gozava Moisés dessa intimidade (Nm 12,6-8; Dt 34,10). A “face” parece emoldurar o salmo (v.2.15a). Se antes o suplicante espera da face de Deus o direito, agora ele deseja através da justiça que bane qualquer iniquidade, ver a face do Senhor plenificando assim a visita de Deus com esse encontro. É no despertar que o fiel sai de uma situação tenebrosa, angustiante, de ansiedade e de tristeza e se sacia com a imagem de Deus (v.15b).

Portanto, se à noite o orante já experimenta de forma velada a visita de Deus que o perscruta (v.3), agora ele se depara com o gozo de encontrar Aquele no qual ele sempre confiou e o torna pleno. É claro que “imagem de Deus” pode evocar sua presença no santuário, sobretudo na Arca da Aliança (STADELMANN, 2015, p. 211) local do encontro e da manifestação de Deus. Não obstante, também o coração do fiel represente esse santuário pelo qual Deus visita desde à noite até a aurora.

### **Conclusão**

Cada época é marcada por seus desafios. O ser humano pós-moderno em seu ritmo acelerado e em sua vida quase simbiótica aos meios de comunicação, sutilmente pode está afastando-se de Deus ou, ao contrário, procurando-o no barulho e na agitação.





Na multiplicidade das ações, na rapidez da informação e na mudança nas relações, as pessoas se deparam com a dor do escondimento de Deus. Isso provoca um clamor que manifesta a busca e a sede do transcendente. No entanto, muitas vezes de forma superficial, consumista e mercantilista, em que a divindade deve atender prontamente os caprichos do orante em vista da retribuição em oferendas, sacrifícios e promessas.

Desde a criação Deus mantém uma relação de amor e cuidado para com o ser humano. Ao longo da história de Israel, já com os patriarcas Deus os visita manifestando suas maravilhas. Quando “ouviu” o clamor de seu povo na escravidão do Egito, Ele os visitou e aquela noite de libertação marcou a história e a fé israelita.

É com essa confiança que o salmista no Sl 17(16) eleva sua prece a Deus que o ouve diante de uma situação desesperadora frente aos seus inimigos. Se ele atravessa um vale tenebroso em vista de ser perseguido ou acusado inocentemente, também experimenta a visita de Deus à noite. Deus não só visita na aurora, no momento que estamos bem, ansiosos por este encontro, mas já na noite escura, quando tudo parece perdido e não temos esperança; a terra parece estar seca e vazia; a angústia, o medo e a dor parecem ser mais forte que a presença de Deus. É nesse tempo de provação quando Ele perscruta o nosso íntimo e nos leva a uma profundidade.

Essa visita impulsiona ainda mais o orante a confiar em Deus e suplicá-lo por proteção e combate aos seus inimigos. Se o escondimento de um lado causa dor pela falta daquele que amamos, por outro é sinônimo de guarda. Sentimos a necessidade não mais de Deus se esconder, mas de nós sermos escondidos Nele!

Se a perda de referencial em vista da crise das instituições provocou o desespero humano, ela também o impulsiona a buscar um porto seguro, um rochedo para se apoiar. Não um simples alento ou anestesia na alma; não uma simples sanção de problemas; não na busca por encontros de multidão com o intuito de se perder no anonimato diante do medo de ficar sozinho e ser excluído.

Portanto, é experimentando a visita de Deus, desde a noite à aurora que o ser humano pós-moderno diante de sua presença, ora velada, ora manifesta, saciará a sede e a busca de Deus. Na certeza do amor salvífico que Ele age com seus filhos, podemos caminhar com Ele entre as alegrias e as tristezas numa perene aliança.

### **Referências**



- ALONSO SCHÖKEL, L. CARTINI, C. *Salmos I*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 286-296.
- ANDRÉ, G. Pāqad. In: BOTTERVECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. XII. Cambridge; Michigan: Eerdmans Publishing, 2003, p. 50-63.
- AUSTEL, Hermann J., Shāma'. In: HARRIS, R. Laird (Org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1585-1587.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997
- BÍBLIA de Jerusalém. 3ed. São Paulo: Paulus, 2004
- BRIGGS, Charles Augustus; BRIGGS, Emile Grace. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms*. Vol. 1. Edinburgh: T & T Clark, 1987, p. 127-137.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2013: Texto-Base*. Brasília, Edições CNBB, 2012.
- CONCORDÂNCIA BÍBLICA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1975, p. 1088
- CORDERO, Maximiliano García. *Libro de los Salmos*. Madrid: Pontificia Universidad de Salamanca, 1962, p. 252-260 [Biblioteca de Autores Cristianos – tomo IV: libros sapienciales]
- HARTLEY, John E. Yāsha'. In: HARRIS, R. Laird (Org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 680-684.
- \_\_\_\_\_. Shāmar. In: HARRIS, R. Laird (Org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1587-1589.
- KAISER, Walter C. Layêlâ. In: HARRIS, R. Laird (Org). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 788.
- KIDNER, Derek. *Salmos I – 72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1992, p.103-107.
- PLUMER, Willians S. *Psalms: a critical and expository commentary with doctrinal and practical remarks*. Pensilvania: the banner of truth trust, 1975, p. 219-232.
- RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola: Olho d'Água, 2009
- TORQUATO, Rivaldave Paz. Deus se esconde ou nossa experiência se cristaliza? *Revista Pistis e Práxis: Teologia e Pastoral*. Curitiba, v.3, n.2, p. 599-633, jul-dez, 2011.
- STADELMANN, Luís I. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2015, p.208-211
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.126-129.